

**PRONOMES FRACOS NULOS E LEXICALIZADOS: DAS LÍNGUAS VERDADEIRAMENTE PRO-DROP AO PORTUGUÊS DO BRASIL (PB) \***

HELENA BRITTO  
(UNICAMP)

**ABSTRACT** The aim of this paper is to syntactically derive the interpretative parallelism between SV sentences in null subject languages and Left-Dislocation constructions (LD) in Brazilian Portuguese (BP) and French. Some arguments are presented in favor of the lexical nature of the [+referential] nominative weak pronoun in BP. Based on these arguments, it is proposed that the relevant SV and LD constructions mentioned above project the same syntactic configuration, the difference between them lying in the null or lexicalized character of the nominative weak pronoun.

## 1. INTRODUÇÃO

Diferentemente do PB de até o início deste século, o PB atual apresenta, ao lado do não mais licenciamento da categoria vazia *pro* [+referencial] (cf. Figueiredo Silva 1996), uma significativa alta frequência de sentenças com deslocados à esquerda acompanhados por resumptivo sujeito lexicalizado (doravante DE) (cf. Duarte 1995). Assim como em Francês (cf. Auger 1995), tais construções DE não são apenas bastante frequentes em PB, mas também são interpretativamente equivalentes não às DEs das línguas pro-drop (tomadas como sentenças [+marcadas] do ponto de vista interpretativo (cf. Duarte 1987), mas sim às sentenças SV das línguas de sujeito nulo: *i.e.*, são interpretadas como a *codificação sintática de juízo categórico* (no sentido de Kuroda 1972; 1992 e Martins 1994), ou, nos termos de Calabrese (1986) e Dobrovie-Sorin (1996), como uma expressão de predicação ordinária (cf. Britto 1998).

A título de derivar o fato das sentenças SV de línguas de sujeito nulo serem interpretativamente equivalentes às DEs do PB será defendida neste trabalho a hipótese de que tais sentenças têm mesma interpretação porque projetam um mesmo esqueleto sintático, residindo a diferença entre suas configurações na natureza *nula* ou *lexical* do pronome fraco nominativo [+referencial] de tais línguas. Para confirmar esta hipótese, serão abordados, nas subseções abaixo, os seguintes tópicos:

---

\* Este trabalho consiste em parte de minha tese de doutorado, realizada sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mary Kato.

(i) a natureza *pro-drop parcial do PB*, objetivando demonstrar, com base nos resultados de Negrão (1996) e Figueiredo Silva (1996), que em PB atual há apenas *pro* [-referencial];

(ii) *pronomes fortes e fracos em Italiano em Francês* (segundo Cardinaletti 1997), com o intuito de comparar o comportamento dos pronomes fracos de uma língua *pro-drop* em oposição ao de uma língua francamente não *pro-drop*, para posterior confronto de tais resultados com o paradigma de pronomes nominativos do PB;

(iii) *pronomes fortes e fracos em PB*, visando mostrar que o pronome resumptivo sujeito lexical das construções DE do PB deve ser classificado como um pronome fraco.

Ao final destas seções, serão defendidas, para sentenças SV de uma língua *pro-drop* e DEs do PB e Francês, as formalizações (1) e (2) respectivamente:

(1) [XP DP [IP pro [<sub>Γ</sub> V (...)]]] (Português Europeu (PE))

(2) a. [XP DP [IP ele [<sub>Γ</sub> V (...)]]] (PB)

b. [XP DP [IP il [<sub>Γ</sub> V (...)]]] (Francês)

## 2. A NATUREZA PRO-DROP PARCIAL DO PB

Como aponta o estudo de Negrão (1996) acerca da distribuição sintática das formas pronominais nominativas lexicalizadas *ele/ela* versus a forma nula *pro* (em comparação à distribuição das formas possessivas correspondentes *seu/sua* versus as formas compostas por preposição+pronome forte *dele/dela*), em PB *pro* nominativo e as formas possessivas *seu/sua* ocorrem nos contextos em que podem ser interpretados como ligados a variáveis (v. (3a) e (4a)) ou a pronomes ligados (v. (5a); (6a); (7a) e (8a)). Quanto às formas pronominais lexicais nominativas *ele/ela*, assim como as formas *dele/dela*, são categoricamente bloqueadas nestes contextos (v. (3b) a (8b)), porém sistematicamente presentes em contextos referenciais – contextos estes nos quais também *pro* e *seu/sua* podem ocorrer, caso haja relação de c-comando entre estas categorias e o NP a ser tomado como antecedente delas (v. (9) e (11))<sup>1</sup>:

(3) a. [O Guilherme]<sub>i</sub> disse que [ninguém]<sub>k</sub> acredita que  $\emptyset$ <sub>\*i/k/\*w</sub> vai ganhar.

b. [O Guilherme]<sub>i</sub> disse que [ninguém]<sub>k</sub> acredita que ele<sub>i/\*k/w</sub> vai ganhar.

(4) a. [O Guilherme]<sub>i</sub> disse que [ninguém]<sub>k</sub> telefonou para [sua<sub>i/k/\*w</sub> mãe] (...)

b. [O Guilherme]<sub>i</sub> disse que [ninguém]<sub>k</sub> telefonou para a [mãe dele<sub>i/\*k/w</sub>].

(5) a. [Quem]<sub>i</sub> [t]<sub>i</sub> acha que  $\emptyset$ <sub>i</sub> disse que  $\emptyset$ <sub>i</sub> é inteligente?

b. [Quem]<sub>i</sub> [t]<sub>i</sub> acha que  $\emptyset$ <sub>i</sub> disse que ele<sub>e\*</sub><sub>i</sub> é inteligente?

---

<sup>1</sup> Especificamente acerca da sintaxe dos possessivos e das formas compostas por preposição+pronome forte em PB, cf. Müller (1997).

- (6) a. [Ninguém]<sub>i</sub> [t]<sub>i</sub> acha que  $\emptyset$ <sub>i</sub> disse que  $\emptyset$ <sub>i</sub> é inteligente.  
 b. [Ninguém]<sub>i</sub> [t]<sub>i</sub> acha que  $\emptyset$ <sub>i</sub> disse que ele<sub>\*i</sub> é inteligente.
- (7) a. [Quem]<sub>i</sub> [t]<sub>i</sub> disse que  $\emptyset$ <sub>i</sub> acha que [seu<sub>i</sub> filho] é inteligente?  
 b. [Quem]<sub>i</sub> [t]<sub>i</sub> disse que  $\emptyset$ <sub>i</sub> acha que [o filho dele<sub>\*i</sub>] é inteligente?
- (8) a. [Ninguém]<sub>i</sub> [t]<sub>i</sub> disse que  $\emptyset$ <sub>i</sub> acha que [seu<sub>i</sub> filho] é inteligente.  
 b. [Ninguém]<sub>i</sub> [t]<sub>i</sub> disse que  $\emptyset$ <sub>i</sub> acha que [o filho dele<sub>\*i</sub>] é inteligente.
- (9) a. [O Guilherme]<sub>i</sub> disse que [o Pedro]<sub>k</sub> acredita que  $\emptyset$ <sub>\*i/k/\*w</sub> vai ganhar.  
 b. [O Guilherme]<sub>i</sub> disse que [o Pedro]<sub>k</sub> acredita que [ele]<sub>i/k/w</sub> vai ganhar.
- (10) a. [O Guilherme]<sub>i</sub> disse que [o Pedro]<sub>k</sub> sempre telefona para a [sua<sub>i/k/\*w</sub> mãe].  
 b. [O Guilherme]<sub>i</sub> disse que [o Pedro]<sub>k</sub> sempre telefona para a [mãe dele<sub>i/k/w</sub>].
- (11) a. [O amigo do Pedro]<sub>k</sub><sub>i</sub> disse que  $\emptyset$ <sub>I/\*k/\*w</sub> vai ganhar a competição.  
 b. [O amigo do Pedro]<sub>k</sub><sub>i</sub> disse que  $\emptyset$  sempre telefona para a [sua<sub>I/\*k/\*w</sub> mãe].

A conclusão da autora, após uma extensa comparação entre o PB, o Espanhol, o Catalão e o Inglês, é a de que em PB

*(...) overt pronouns in subject position of tensed sentences and de+strong pronouns in the DP cannot be A' bound. (...) Evidence also raised some doubts for analyses that treat the empty category and the 3<sup>rd</sup> person possessive as some kind of referential pronominal element. The analysis developed showed that those anaphoric elements behave as bound variables. (in Negrão 1996:20)*

Paralela à proposta de Negrão (*op.cit.*), Figueiredo Silva (1996:120-124) também defende, com base em construções como (12) a (15), a não-existência da categoria vazia **pro** de natureza [+referencial] em PB:

- (12) a.\* O que (que) cv comprei ontem?  
 b. O que (que) eu comprei ontem?
- (13) a. O João vai trazer a salada?  
 b.\* Não, O VINHO cv vai trazer.  
 c. Não, O VINHO ele vai trazer.
- (14) a. Parece que o João passou por aqui.  
 b.\* Isso parece que o João passou por aqui.  
 c.\* Ele parece que o João passou por aqui.

- (15) a. Choveu a noite inteira.  
 b.\* Isso choveu a noite inteira.  
 c.\* Ele choveu a noite inteira.

Se o PB e o PE (uma língua francamente de sujeito nulo) são comparados a partir dos contextos abordados por Figueiredo Silva, constata-se claramente que *em contextos referenciais* reside a maior diferença entre o PB e o PE, pois nestes é sistemática em PE a presença de *pro* e categoricamente bloqueada a presença do pronome lexicalizado:

- (16) a. O que comprei ontem? (PE)  
 b. João trará a salada? Não, O VINHO trará. (PE)  
 c. Parece que João passou por aqui. (PE)  
 d. Choveu hoje pela manhã. (PE)

Como aponta a autora, ao se comparar o paradigma pronominal nominativo associado ao paradigma verbal correspondente que se encontra no PE e o encontrado no PB, observa-se que, se, por um lado, a flexão de número ainda se encontra preservada na morfologia do PB, por outro os traços de pessoa foram drasticamente reduzidos (cf. tabela 1). Embora a redução do paradigma flexional sofrida pelo PB não afete o licenciamento formal da categoria vazia *pro* quer em contextos como (14), quer em (15) – pois, em ambos os casos é mantida a relação de concordância entre o especificador da projeção máxima que abriga *pro* (i.e., [spec, AgrP]) e seu respectivo núcleo – a identificação de *pro* em (12) e (13) fica comprometida. Afinal, como sustenta Figueiredo Silva, assim como Rizzi (1986), se, para a identificação de *pro* quase-argumental e não-argumental (no sentido de Chomsky 1981), são suficientes os traços de número presente em Agr, para a identificação de *pro* referencial, os traços de pessoa de Agr são fundamentais. Em virtude da ausência desses traços no núcleo Agr que se projeta em PB, *pros* referenciais em PB são bloqueados.

PB			PE		
Pronomes Nominativos	Paradigma		Pronomes Nominativos	Paradigma	
		Verbal			Verbal
<i>eu</i>	<i>1ª pes.sing.</i>	<i>canto</i>	<i>eu</i>	<i>1ª pes.sing.</i>	<i>canto</i>
<i>tu/você</i>	<i>2ª pes.sing.</i>	<i>canta</i>	<i>tu</i>	<i>2ª pes.sing.</i>	<i>cantas</i>
<i>ele/ela</i>	<i>3ª pes.sing.</i>	<i>canta</i>	<i>ele/ela</i>	<i>3ª pes.sing.</i>	<i>canta</i>
<i>a gente</i>	<i>1ª pes.plural</i>	<i>canta</i>	<i>nós</i>	<i>1ª pes.plural</i>	<i>cantamos</i>
<i>vocês</i>	<i>2ª pes.plural</i>	<i>cantam</i>	<i>vós</i>	<i>2ª pes.plural</i>	<i>cantais</i>
<i>eles/elas</i>	<i>3ª pes.plural</i>	<i>cantam</i>	<i>eles/elas</i>	<i>3ª pes.plural</i>	<i>cantam</i>

Tabela 1: Paradigma pronominal nominativo acompanhado pelo paradigma verbal correspondente, em PE e PB (adaptado de Figueiredo Silva 1996:40)

### 3. PRONOMES FORTES E FRACOS EM ITALIANO E FRANCÊS

Com base na tipologia pronominal defendida por Cardinaletti & Starke (1993), Cardinaletti (1997) observa que, sob o ponto de vista de seu estatuto sintático, a categoria vazia *pro* das línguas verdadeiramente pro-drop é um pronome fraco. Afinal, da comparação entre a distribuição sintática de *pro* e a distribuição sintática das duas séries pronominais do Francês – tomado juntamente com o Inglês como exemplo de línguas francamente não pro-drop – a autora aponta a total equivalência distribucional entre *pro* e o pronome fraco do Francês *il*: diferentemente do comportamento sintático do correspondente pronominal forte de *il* (i.e. *lui*), *pro*, assim como *il*, pode ser usado (i) como um expletivo; (ii) como um quase-argumento (no sentido de Chomsky 1981); (iii) como um impessoal e ainda (iv) como um pronominal com interpretação referencial, podendo ser seu referente [+humano] ou [-humano]:

- (17) a. Il/\*lui est arrivé trois filles.  
b. Il/\*lui pleut.  
c. Ils<sub>imp</sub>/\*eux<sub>ipm</sub> m'ont vendu un livre endommagé, dans ce magasin.  
d. Ils/\*eux sont très beaux. (=*les garçons*; =*les livres*)
- (18) a. *pro*/\*lui/\*loro sono arrivate tre ragazze.  
b. *pro*/\*lui piove.  
c. *pro*<sub>imp</sub>/\*loro<sub>ipm</sub> mi hanno venduto un libro rovinato, in quel negozio.  
d. *pro*/\*loro sono molto belli. (=i ragazzi; =i libri)

Quanto aos pronomes fracos lexicalizados (em Cardinaletti 1997, temos os fracos lexicais do Italiano como exemplo), são aplicados os demais testes presentes em Cardinaletti & Starke para classificação dos pronomes em fortes, fracos e clíticos (v. tabela 2). Desta aplicação, o seguinte resultado é obtido: assim como *il*, também a série *egli/esso* não pode (i) sofrer modificação ou (ii) estar em relação de coordenação, assim como não pode (iii) quer se manter em estrutura-S em sua posição de base, (iv) quer ocupar uma posição sintática periférica<sup>2</sup> (v.(19) a (22)):

---

<sup>2</sup> Quanto ao critério de acentuação contrastiva, segundo Cardinaletti & Starke (1993), o contraste presente do paradigma abaixo parece indicar que não se trata do caso de pronomes fracos nunca poderem receber acento contrastivo, mas sim que “deficient elements are permissible with contrastive stress only if they refer to an entity which is ‘already prominent in the discourse’ “ (in Cardinaletti & Starke 1993:6-7):

- (1) a. \* Jean LA voit.  
✓ Jean voit elle.  
b. A: – On a dit que je mangerai ce gateau demain.  
✓ B: – Non, que JE mangerai ce gateau demain.  
✓ A: – Mais, non, que JE mangerai...

Entretanto, em se tratando de um contexto como (1a), o critério de acentuação contrastiva é eficaz (como defende Laenzlinger & Shlonsky 1997).

- (19) a. \* [Anche/Solo egli] ha dichiarato la propria disponibilità.  
 b. [Anche/Solo lui] ha dichiarato la propria disponibilità.
- (20) a. \* [Egli e suo fratello] hanno dichiarato la propria disponibilità.  
 b. [Lui e suo fratello] hanno dichiarato la propria disponibilità.
- (21) a. \* Ha aderito Egli.  
 b. Ha aderito Lui.
- (22) a. \* Egli me hanno detto che non si presenterà.  
 b. Lui me hanno detto che non si presenterà.

Critérios para Classificação Pronominal								
Critério de	Critério Interpretativo					Critério Prosódico		
Distribuição Sintática			antecedente -D		impessoal	-humano	regras de redução	
posição theta/	posição periférica	coordenação		expletivo				
de base em SS		modificação						
clítico	-	-	-	+	+	+	+	+
fraco	-	-	-	+	+	+	+	+
forte	+	+	+	-	-	-	-	-

Tabela 2: Critérios para classificação pronominal (adaptados de Cardinaletti & Starke 1993)

#### 4. PRONOMES FORTES E FRACOS NOMINATIVOS EM PB

Assim como ocorre em Alemão e Hebraico (cf. Laenzlinger & Shlonsky 1997), também em PB, como já apontado em Galves (*no prelo*), a aplicação dos testes propostos por Cardinaletti & Starke permite identificar duas séries *homófonas* de pronomes acusativos: uma, de pronomes fortes e outra, de fracos. Se em Galves (*op. cit.*) são tratadas apenas as séries de pronomes acusativos do PB, os exemplos abaixo (nos quais as sentenças em (b) devem ser interpretadas como paráfrases das presentes em (a) – assim como as em (d), comparadas às em (c)) indicam a série de pronomes fortes cotejada à de fracos *nominativos* no PB:

- (23) a. O JOÃO bebe demais (e não a Maria).  
 b. ELE bebe demais (e não ela).  
 c. O João bebe demais.  
 d. Ele bebe demais.

- (24) a. O CARRO bebe demais (e não a moto).  
 b. \*ELE bebe demais (e não ela).  
 c. O carro bebe demais.  
 d. Ele bebe demais.
- (25) a. O meu CACHORRO é grande (e não a minha gatinha).  
 b. ELE é grande (e não ela).  
 c. O meu cachorro é grande.  
 d. Ele é grande.
- (26) a. O SOFÁ é grande (e não a mesa de jantar).  
 b. \*ELE é grande (e não ela).  
 c. O sofá é grande.  
 d. Ele é grande.
- (27) a. O João e a Maria estão bebendo demais.  
 b. Ele e ela estão bebendo demais.
- (28) a. O carro e a moto estão bebendo demais.  
 b. \*Ele e ela estão bebendo demais.
- (29) a. Aqui em casa, só meu irmão bebe demais (o resto da família quase não bebe).  
 b. Aqui em casa, só ele bebe demais (o resto quase não bebe).
- (30) a. Aqui em casa, só o meu carro bebe muito (os outros são bem econômicos).  
 b. \*Aqui em casa, só ele bebe muito (os outros são bem econômicos).

Conforme indicado na tabela 2, os pronomes fortes, que nunca são interpretados como tendo um referente [-animado], são os únicos que suportam acento contrastivo. Logo, segundo os critérios para classificação tipológica de pronomes presentes nessa tabela, uma vez acentuados, o pronominal só pode referir-se a um [+animado] – previsão esta confirmada pela agramaticalidade de (24b) e (26b). Também conforme os critérios dispostos na tabela supracitada, se apenas pronomes fortes podem ser coordenados, prevê-se que pronomes coordenados não são interpretados como possuindo referente [-animados] – pois que esta é uma propriedade exclusiva dos pronomes fracos. Novamente, a previsão é confirmada, como aponta o contraste entre a gramaticalidade de (27b) e a agramaticalidade de (28b). Ainda, nos exemplos com pronomes acompanhados por modificadores, apenas a interpretação [+animada] do pronome é possível – logo, apenas pronomes fortes ocorrem com tal distribuição sintática (v. (29b) *versus* (30b)). Finalmente, segundo os critérios dispostos na tabela 2, ainda outras restrições são encontradas em PB: só o pronome forte *ele* pode ocupar uma posição sintática periférica (v. o contraste entre (31b) e (32b)):

- (31) a. O João, o cabelo dele está horrível.  
 b. Ele, o cabelo dele está horrível.
- (32) a. O carro, o motor dele está horrível.  
 b. \*Ele, o motor dele está horrível.

Quanto à série de pronomes fracos do PB, os exemplos em (33) indicam que eles ocorrem como pronome lexicalizado nos ambientes em que se referem a antecedentes [ $\pm$ animados] – portanto, com interpretação [+referenciais]<sup>3</sup> – cabendo aos nulos, como já apontado por Figueiredo Silva, a função de expletivos e quase-argumentos:

(33) **PB**

- a. Ela/\*pro está muito curta. (=a saia)  
 b. Ela/\*pro está muito comprida. (=a garota).  
 c.\* Ele/ pro chegou um pacote ontem.  
 d.\* Ele/ pro choveu bastante hoje.

(34) **PE**

- a.\* Ela/ pro está muito curta. (=a saia)  
 b.\* Ela/ pro está muito comprida. (=a garota).  
 c.\* Ele/ pro chegou um pacote agorinha.  
 d.\* Ele/ pro choveu demais hoje.

(35) **Francês**

- a. Elle/\*pro est très belle. (=a saia)  
 b. Elle/\*pro est très belle. (=a garota).  
 c. Il /\*pro est arrivé .  
 d. Il /\*pleut.

No que tange à interpretação [+impessoal], também somente o pronome fraco nulo **pro** é possível em PB:

- (36) a. pro telefonaram para cá hoje cedo. Eu acho que foi o teu irmão.  
 b. \*eles telefonaram para cá hoje cedo. Eu acho que foi o teu irmão<sup>4</sup>.

Finalmente, quanto ao critério prosódico presente da tabela 2 – que, segundo Cardinaletti & Starke (1993:19) afeta apenas pronomes deficientes – os pronomes fracos do PB, como já apontado por Kato (1996) e Nunes (1994), sofrem clara redução silábica, passando os dissílabos a monossílabos átonos:

---

<sup>3</sup> Vale notar que, simetricamente aos pronomes fracos lexicais em (33), também em (24a) e (26a) os sintagmas *o carro* e *o sofá*, uma vez desfocalizados, podem ser substituídos pelo pronome fraco lexical *ele* (v. (24d) e (26d)).

<sup>4</sup> Este exemplo foi inspirado nos exemplos do Italiano presentes em Cinque (1988).



- (37) a. 2ª pes.sing. [vo'se] → [ce]  
 b. 3ª pes.sing.masc. ['eli] → [e']  
 c. 3ª pes.pl.masc. ['elis] → [ej']

#### 4. FORMALIZANDO AS SENTENÇAS SV E AS CONSTRUÇÕES DE

Com base no que foi apresentado no decorrer da seção anterior, observamos que o pronome lexical fraco *ele* do PB (homófono ao forte *Ele*) se comporta como o correspondente sintático de *pro* em PE e demais línguas verdadeiramente pro-drop. Assumindo-se uma das propostas presentes em Cardinaletti (1997) – segundo a qual apenas à posição [spec, IP] cabe abrigar os pronomes fracos, as seguintes derivações para as sentenças SV do PE e Espanhol e para as DEs do PB são propostas, considerando-se, para tanto, o fato de também o PE ter a forma *Ele* como pronome forte (assim como em Espanhol há a forma *Elle*):

- (38) a. [XP María [IP pro [compró (...)]]]. (Espanhol)  
 b. [XP Maria [IP pro [comprou (...)]]]. (PE)  
 c. [XP A Maria [IP ela [comprou (...)]]]. (PB)
- (39) a. [XP Elle [IP pro [compró (...)]]]. (Espanhol)  
 b. [XP Ele [IP pro [comprou (...)]]]. (PE)  
 c. [XP Ele [IP ele [comprou (...)]]]. (PB)
- (40) a. [María [XP Ella [IP pro [compró (...)]]]]. (Espanhol)  
 b. [Maria [XP Ela [IP pro [comprou (...)]]]]. (PE)  
 c. [XP A Maria [IP ela [comprou (...)]]]. (PB)

Observe-se primeiramente que o paradigma em (38) e (39) nos dá uma clara direção explicativa para justificar o fato de as sentenças SV das línguas de sujeito nulo e as DEs do PB serem interpretativamente equivalentes: tais sentenças projetam uma mesma configuração sintática, pois, em ambas as línguas, os pronomes fracos (independentemente de sua natureza *lexical* ou *nula*) ocupam a posição [spec, IP], restando aos DPs nominais à esquerda ocupar uma posição sintática acima desta projeção<sup>5</sup>. As derivações (38) e (39) também provêm uma explicação para o que já foi tomado como uma *peculiaridade* do PB: a possibilidade de DEs em sentenças

---

<sup>5</sup> Para análises como a de Soriano (1989) e Barbosa (1997), relativas ao Espanhol e ao PE respectivamente, esta *posição acima de [spec, IP]* consiste em uma posição de adjunção a esta projeção. Para Cardinaletti (1997) e Martins (1994), trata-se de uma posição de especificador. Acerca de tal matéria, remeto o leitor a Britto (1998), onde defendo que a posição acima de IP que abriga os comumente denominados *deslocados à esquerda* é uma posição de especificador, o que garante a interpretação destes elementos no componente apropriado da gramática como *sujeito de juízo categórico*, nos termos de Kuroda (1972-1992) e Martins (1994).

encaixadas. Com base nas derivações (41), observamos que a possibilidade de DEs em encaixadas é também legítima em línguas de sujeito nulo, como o PE:

- (41) a. Eu disse que [XP Maria [IP pro [comprou (...)]]]. (PE)  
b. Eu disse que [XP A Maria [IP ela [comprou (...)]]]. (PB)

Note-se que vários estudiosos do PE (dentre eles, Duarte 1987) procuraram derivar a agramaticalidade de sentenças do PE, como (42a) – em oposição à gramaticalidade de sentenças do PB, como (42b) – com base em derivações como (43a) e (43b) respectivamente:

- (42) a. \* Ele disse-me que Maria ela comprou (...). (PE)  
b. Ele me disse que a Maria ela comprou (...). (PB)

- (43) a. [Ele disse-me [que [Maria [IP ela [comprou (...)]]]]].  
b. [Ele me disse [que [a Maria [IP ela [comprou (...)]]]]].

Certamente, a equivalência entre as encaixadas em (42a) e (42b) no que se refere à atualização fônica dos elementos que as compõem pode ser uma das justificativas para análises como a de Duarte (*op.cit.*) – principalmente quando observamos que, com base na atualização fônica de tais sentenças, ambas deveriam ser classificadas, segundo Chomsky (1977) e Ross (1967), como exemplos de estruturas de deslocamento à esquerda<sup>6</sup>. A análise desenvolvida deste artigo mostra, entretanto, que, a partir da tipologia de pronomes fortes e fracos do PE, a derivação (40b), e não (43a), é a relevante.

Finalmente, com base nas configurações (40b) e (40c), motivamos o porquê da diferença interpretativa entre as DEs (no sentido de Chomsky 1977) do PE ([+marcadas]) e as DEs do PB ([-marcadas]): se tomados os elementos deslocados à esquerda em (40b) e (40c) como adjuntos a IP, então em (40b) há duas adjunções – em oposição a apenas uma em (40c); por outro lado, se tomados os pronomes fortes em tais estruturas como ocupantes de uma posição de especificar, então apenas em (40b), e não em (40c), há adjunção.

## 5. REPERCUSSÕES DA ANÁLISE: AS DEs DO FRANCÊS ATUAL

Como aponta Auger (1995), duas principais abordagens predominam nos estudos acerca dos pronomes clíticos-sujeito do Francês. De um lado, há aqueles (como Rizzi 1986 e Dufresne 1993) que, fortemente influenciados pelo diferente comportamento sintático entre os clíticos do Francês e o dos Trentino (também observados por Barbosa 1997)), defendem a idéia de que tais clíticos são elementos sintáticos independentes,

---

<sup>6</sup> Vale lembrar que, segundo tais autores, as construções de deslocamento à esquerda eram definidas como estruturas com um NP gerado em posição sentencial periférica co-referente a um sintagma (nominal, pronominal, preposicional, etc.) – *lexicalizado* – em posição interna à sentença.

que ocupam a posição [spec, IP], estando o sujeito lexical de uma estrutura como (44) em posição deslocada à esquerda<sup>7</sup>:

(44) Pierre, il aime la musique.

De outro lado, sensivelmente motivados pelo reconhecimento do caráter [-marcado] em Francês de construções como (44), outros (como Auger 1993 e Roberge 1990) propõem a análise de que o sintagma *Pierre* em tal estrutura ocupa a posição [spec, IP], ao passo que *il* não é mais do que uma marca de concordância afixada a V.

Se se assume, como o faz Kuroda (1972), que em Francês DEs codificam sintaticamente juízos categóricos (ou, nos termos de Calabrese (1986), são estruturas predicativas), tais construções podem ser paralelamente equiparadas às DEs do PB:

(45) Pierre il aime la musique.

(46) O Pedro ele adora música.

Porém, não só no que tange à codificação sintática de juízos categóricos o PB e o Francês são similares. Também quanto a sentenças apresentativas, ambas as línguas parecem compartilhar a mesma codificação: estruturas SV *stricto sensu*<sup>8</sup>:

---

<sup>7</sup> Segundo observa Barbosa (1997), a distinção entre os clíticos do Francês e os do Trentino é baseada nas seguintes assimetrias:

(i) no que tange às construções com sujeito nulo, o Trentino se comporta como o Francês, e não como o Italiano:

(1)	pro parli	(Italiano)	pro parli	(Italiano)
	*pro parli	(Trentino)	*pro parles	(Francês)
	te parli	(Trentino)	tu parles	(Francês)

(ii) por outro lado, no que tange a (a) construções SV com clítico obrigatório *versus* clítico opcional e (b) construções expletivas (expletivo preverbal não especificado quanto a número ou pessoa + sujeito posverbal), o Trentino se distancia configuracionalmente do Francês: por um lado, não admite a ausência do clítico (v.(2)); por outro, apresenta a característica inversão das línguas pro-drop – a chamada inversão românica (v. (3)):

(2)	a.	* El Mario parla.	(Trentino)	c.	Jean parle.	(Francês)
	b.	El Mario el parla.	(Trentino)	d.	Jean il parle.	(Francês)
(3)	a.	pro é vegnú qualche putela.	(Trentino)	d.	Il est venu des filles.	(Francês)
	b.	pro ha telefoná qualche putela.	(Trentino)	e.	* Il a telefoné des filles.	(Francês)
	c.	pro é vegnú Marie.	(Trentino)	f.	* Il a telefoné Marie.	(Francês)

Em virtude deste comportamento no que diz respeito à inversão românica, o Trentino é classificado como uma língua de sujeito nulo, sendo seu sujeito clítico analisado como uma manifestação visível em Forma Fonética (FF) dos traços de concordância de I<sup>o</sup> – como o faz Rizzi (1986) e, segundo Barbosa, também Brandi & Cordin (1989):

(4) [IP [I [I cl [V<sub>i</sub>]] [VP t<sub>i</sub>]]]

<sup>8</sup> Por sentenças SV *stricto sensu*, entenda-se aquelas que têm a configuração [IP S [V]], e não [XP S [IP pro [V]]].

(47) Pierre aime la musique.

(48) O Pedro adora música.

Com base no paralelismo dos dados em (45) a (48), as seguintes observações acerca das abordagens mencionadas por Auger (*op. cit.*), supracitadas, devem ser feitas:

a) contra a hipótese defendida por Auger e Roberge (*op. cit.*) sobre a posição dos clínicos-sujeito do Francês, vale observar que, assim como afirma Svolacchia *et al.* (1995:92) acerca da presença ou ausência de resumptivos sujeito em Somali – segundo o qual “*the presence vs. absence of the resumptive pronoun has semantic consequences in that when that is presente the subject NP is topicalized, while when the resumptive pronoun is not, the subject is basically new*” –, também em Francês a diferença interpretativa entre (45) e (47) é um contra-argumento para a tese de que, nesta língua, o clítico-sujeito é tão somente um *elemento de concordância*; afinal, não parece nada pertinente a assunção de que a ausência *versus* a presença de *elementos de concordância* poderia provocar a distinção interpretativa entre sentenças apresentativas e predicativas. Entretanto, a tentativa de tais autores em procurar espelhar na derivação de sentenças DEs do Francês a sua natureza [-marcada] do ponto de vista interpretativo é bastante adequada a um modelo de análise para o qual distinções semânticas refletem diferenças sintáticas estruturais;

b) por outro lado, poderíamos pensar que as hipóteses de Rizzi, Dufresne e Barbosa (segundo a qual os sintagmas DEs do Francês estão derivacionalmente adjuntos a IP) não recupera, do ponto de vista interlingüístico, a natureza [-marcada] de tais construções, pois que estruturas com sintagmas em adjunção são geralmente interpretadas como [+marcadas]. Todavia, a hipótese de que os clínicos-sujeito do Francês ocupam a posição sintática [spec, IP] é devidamente condizente com o contraste existente entre os clínicos-sujeito do Trentino e os do Francês.

Os aspectos pertinentes destas duas abordagens apresentadas podem ser conciliados, se, para tanto, são consideradas as configurações (49) a (51). Afinal, como defendido para o PB, em comparação ao PE, também em Francês a natureza interpretativa [-marcada] de uma sentença como (44) pode ser explicada sob a derivação (49):

(49) [<sub>XP</sub> Pierre [<sub>IP</sub> il<sub>i</sub> [<sub>T</sub> aime<sub>j</sub> la musique [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> t<sub>j</sub> ]]]]. (Francês)

(50) [<sub>XP</sub> O Pedro [<sub>IP</sub> ele<sub>i</sub> [<sub>T</sub> adora<sub>j</sub> música [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> t<sub>j</sub> ]]]]. (PB)

(51) [<sub>XP</sub> Pedro [<sub>IP</sub> pro<sub>i</sub> [<sub>T</sub> adora<sub>j</sub> música [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> t<sub>j</sub> ]]]]. (PE)

## 6. CONCLUSÕES

No decorrer deste artigo defendemos, com base nos seguintes argumentos, a hipótese de que as DEs do PB e Francês projetam o mesmo esqueleto sintático que as SV do PE, residindo a diferença entre suas configurações na natureza nula ou lexical do pronome fraco nominativo [+referencial]:

a) diferentemente do que ocorre em PE, em PB atual a identificação da categoria vazia *pro* [+referencial] não mais é possível, em virtude, como sustenta Figueiredo Silva (1996), da ausência de traços de pessoa no núcleo Agr que esta língua projeta;

b) no lugar do pronome fraco nominativo *pro* [+referencial], o PB apresenta, homófono ao seu correspondente *forte*, um pronome *fraco nominativo lexicalizado* – conforme indicado pelo comportamento sintático das formas pronominais preverbiais *ele* cujo referente pode ser [ $\pm$  animado] em contraste à forma *ele* cujo referente só pode ser [+animado], quando estas são submetidas aos testes para identificação de pronomes fortes e fracos, de Cardinaletti & Starke (1993) e Cardinaletti (1997);

c) o paralelismo interpretativo existente entre as sentenças SV do PE e as DEs do PB e Francês é sintaticamente derivado com o apoio da proposta de Cardinaletti (1997), segundo a qual à posição [spec, IP] cabe abrigar *apenas* pronomes fracos – restando aos pronomes fortes uma posição acima desta projeção. Assim como as DEs do Francês e PB – analisadas sob as derivações [ $_{XP}$  S [ $_{IP}$  il [ $_{I'}$  V]]]/[ $_{XP}$  S [ $_{IP}$  ele [ $_{I'}$  V]]] – as SV do PE são tomadas sob a derivação [ $_{XP}$  S [ $_{IP}$  pro [ $_{I'}$  V]]];

d) com base nesta análise, também derivamos o porquê da natureza [+marcada] das DEs do PE com resumptivo lexicalizado: diferentemente das DEs do PB e Francês, que apresentam apenas um DP pleno ou um pronome forte seguido pelo pronome fraco, lexicalizado, tais DEs do PE apresentam o DP pleno seguido pelo pronome forte (o qual antecede, por sua vez, o fraco, nulo). Ainda quanto às DEs do PE com resumptivo lexicalizado, são tecidos alguns comentários acerca de sua agramaticalidade em contextos encaixados.

---

## BIBLIOGRAFIA

- AUGER, J. (1993) “More Evidence for Verbal Agreement-Marking in Colloquial French”. In: W. Ashby *et.al.* (ed). **Santa Barbara Romance Papers**. Amsterdam. Benjamins.
- \_\_\_\_\_. (1995) “Les Clitiques Pronominaux en Français Parlé Informel: Une Approche Morphologique” *Revue Québécoise de Linguistique* 24(1): 22-60.
- BARBOSA, P. (1997) “Subject Positions in the null subject languages”. **Seminários de Linguística** 1:39-63. Universidade do Algarve - UCEH. Faro.
- BRANDI, L. & P. Cordin (1989) “Two Italian Dialects and the Null Subject Parameter”. In: O. Jaeggli & K. Safir (ed) **The Null Subject Parameter**. Kluwer Academic Press.
- BRITTO, H. (1998) “Deslocados à Esquerda, Resumptivo Sujeito, Ordem SV e a Codificação Sintática de Juízos Categórico e Tético no Português do Brasil”. Unicamp. ms.
- CALABRESE, A. (1986) “Pronomina”. In: Fukui, N., T. Rapoport & E. Sagey (ed). **MIT Working Papers in Linguistics** 8:1-46.

- CARDINALETTI, A. (1997) "Subjects and clause structure". In: L. Haegeman (ed) **The New Comparative Syntax**. Londres-N.Iorque. Longman.
- CARDINALETTI, A., & M. Starke (1993). "The Typology of Structural Deficiency". University of Venice/University of Geneva. Mimeo.
- CHOMSKY, N. (1977) "On Wh-Movement". In: P. Culicover, T. Wasow, and A. Akmajian (ed). **Formal Syntax**. New York-San Francisco-London. Academic Press.
- \_\_\_\_\_. 1981. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht. Foris.
- CINQUE, G. (1988). "On *Si* Constructions and the Theory of *Arb*". **Linguistic Inquiry** 19(4):521-581.
- DOBROVIE-SORIN, C. 1996. "Classes de Prédicats, Distribution des Indéfinis et la Distinction Thétiq-ue-Catégorique". Université Paris VII. Mimeo.
- DUARTE, M.E. (1995). **A Perda do Princípio 'Evite Pronome' no Português do Brasil**. Tese de Doutorado. UNICAMP.
- DUARTE, M. I. (1987). **A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento**. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa.
- DUFRESNE, M. (1993). **L'Articulation Syntaxique et Phonologique de la Cliticisation: Les Cas des Pronoms Sujets en Moyen Français**. Tese de Doutorado. Université du Québec à Montréal.
- FIGUEIREDO SILVA, M.C. (1996). **A Posição do Sujeito no Português do Brasil: Frases Finitas e Infinitivas**. Campinas. Ed. Unicamp.
- KATO, M. (1996). "Phonological, and Semantics Feature Correlation in Language Change and Grammar Selection". Unicamp. Mimeo
- KURODA, S-Y. (1972). "The Categorical and The Thetic Judgment". **Foundations of Language** 9:153-185.
- \_\_\_\_\_. 1992. **Japanese Syntax and Semantics**. Dordrecht-Boston-London, Kluwer Academic Publishers.
- LAENZLINGER, C. & U. Shlonsky. (1997). "Weak Pronouns as LF Clitics: Clustering and Adjacency Effects in the Pronominal Systems of German and Hebrew". **Studia Linguistica** 5(2): 154-185.
- MARTINS, Ana Maria. (1994). **Clíticos na História do Português**. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa.
- NEGRÃO, E. (1996). "Asymmetries in the distribution of overt pronouns and empty categories in Brazilian Portuguese". FFLCH-USP. Mimeo.
- NUNES, J. (1994). "Nominative Pronoun Reduction in Brazilian Portuguese". University of Maryland. Mimeo.
- RIZZI, L. (1986). "On the Status of Subject Clitics in Romance". In: O. Jaeggli (ed) **Studies in Romance Linguistics**. Foris. Dordrecht.
- ROBERGE, Y. (1990). **The Syntactic Recoverability of Null Arguments**. Kingston. McGill-Queen's University Press.
- ROSS, J. (1967). **Constraints on Variables in Syntax**. Tese de Doutorado. MIT.

- SORIANO, O.F. (1989). "Strong Pronouns in Null-Subject Languages and the Avoid Pronoun Principle". **MIT Working Papers in Linguistics** 11:228-239.
- SVOLACCHIA, M., L. Mereu & A. Puglielli. (1995). "Aspects of Discourse Configuration in Somali". In: K. Kiss (ed) **Discourse Configurational Languages**. New York-Oxford. Oxford University Press.